

## ARTES CÊNICAS E A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA: UMA EXPERIÊNCIA NO PET PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE (UFCG)

Jackeline Pereira Mendes <sup>1</sup>  
Janiely Ferreira Lopes <sup>2</sup>  
Aluizio Guimarães <sup>3</sup>

### RESUMO

O trabalho que apresentaremos é oriundo da experiência vivenciada através da oficina “Educação e Teatro: a utilização das artes cênicas como ferramenta para contar histórias”, ministrada pelo professor Me. Aluizio Guimarães (UFCG/CH/UAAMI). Entendemos a importância deste registro, pois trata-se de uma temática ainda pouco discutida no universo acadêmico, fenômeno tão bem explicitado pela carência de publicações. A oficina aconteceu durante o período de 07/05 até 23/07 de 2021, às sextas-feiras das 16h às 18h, via Google Meet. A proposta pautava-se em cada participante do PET escolher uma história para realizar sua contação, articulando os elementos narrativos com as ferramentas das artes cênicas, como é o caso da voz, da sonoplastia, cenografia, figurino e expressão corporal. Tudo isso, objetivando promover a compreensão das ferramentas das artes cênicas como possíveis elementos auxiliares no processo da contação de história. A utilização das artes cênicas, como ferramenta nesse processo de contação, possibilita que as crianças soltem a imaginação e sintam-se mais conectadas à história. Ademais, não há como dissociar o professor/contador de história pois ambos atuam em espaços (também) cênicos que podem representar o mundo; utilizam-se da percepção do ambiente e as peculiaridades que o meio exige, manuseando o corpo como instrumento de comunicação. Portanto, há o interesse em continuar compartilhando conhecimentos e prolongar esta oficina até o final de 2021. Ademais, projetamos poder socializar com as crianças dos anos iniciais do ensino fundamental uma série de contação de histórias pelo YouTube.

**Palavras-chave:** Artes cênicas. Contação de história. Educação e teatro. PET-Pedagogia da UFCG.

### INTRODUÇÃO

O trabalho que apresentaremos a seguir é oriundo da experiência vivenciada a partir do Programa de Educação Tutorial (PET) do curso de Pedagogia da Universidade

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande- UFCG. Bolsista no grupo PET-Pedagogia da UFCG. E-mail: [mendesjackeline.ufcg@gmail.com](mailto:mendesjackeline.ufcg@gmail.com);

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Bolsista no grupo PET-Pedagogia da UFCG. E-mail: [janiely.ferreira.lopes@gmail.com](mailto:janiely.ferreira.lopes@gmail.com);

<sup>3</sup> Mestre em Computação, Comunicação e Artes pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Produtor cultural da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. E-mail: [aluizioguimaraes2@gmail.com](mailto:aluizioguimaraes2@gmail.com).

Federal de Campina Grande - UFCG (Campus I). Esta experiência nasce de uma oficina “Educação e Teatro: a utilização das artes cênicas como ferramenta para contar histórias”, em que há a articulação entre a educação e as artes cênicas, ministrada pelo professor Me. Aluizio Guimarães (UFCG/CH/UAAMI), que está há onze anos como colaborador do grupo PET-Pedagogia da UFCG – composto por um grupo de alunos do curso de pedagogia, atualmente, todos bolsistas; e o tutor, o Prof. Dr. André Augusto Diniz Lira (UFCG/CH/UAEd). Partindo desse pressuposto, devido às restrições ocasionadas pela Covid-19 e suas implicações, as atividades vêm sendo desenvolvidas remotamente através da plataforma Google Meet<sup>4</sup>.

A cada ano um tema advindo das artes cênicas é abordado em conjunção com o universo da educação, conseqüentemente, novos objetivos são traçados a partir desta perspectiva dialógica: educação e teatro. Assim, vale salientar que esta oficina, a qual vamos formular algumas reflexões partindo de nossas experiências, faz parte de um processo de introdução às artes cênicas aplicada à educação, que o grupo vem experienciando de maneira remota desde o ano de 2020. Após um ano de discussões teóricas e vivências práticas do teatro com enfoque em construção de personagens, levando em consideração as reinvenções que o ensino remoto nos impôs, decidimos usar as tecnologias em nosso auxílio, para que pudéssemos realizar o primeiro espetáculo de teatro da UFCG feito exclusivamente no ciberespaço, intitulado “Foi dançar, mas dançou”. O espetáculo foi transmitido ao vivo no dia 21 de dezembro de 2020, pelo canal do PET Pedagogia no YouTube<sup>5</sup>. Tal feito se constituiu como um trabalho de culminância dos estudos ao decorrer da oficina “Educação e Teatro: técnicas corporais e o cuidado com a voz”, e apresentou nossas construções resultantes das etapas de escrita do roteiro, divulgações nas redes sociais, construções de personagens e suas maquiagens, figurino e expressões subjetivas.

Nessa premissa, um dos objetivos traçados ainda no ano passado, continuou a ser desenvolvido este ano de 2021. Trata-se de apresentar o professor como um ator, e que este professor ator precisa, de igual forma, entender suas principais ferramentas para seu trabalho. Desse modo, tal compreensão coloca o docente e a sala de aula em

---

<sup>4</sup> A Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), desde o ano de 2020, estabeleceu a Resolução N° 06/2020, regulamentando o Regimento Acadêmico Extraordinário (RAE) e, desde então, as atividades que compõem a tríade universitária vêm sendo desenvolvidas de maneira remota.

<sup>5</sup> Peça transmitida diretamente pelo canal do PET Pedagogia no YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Fsa7SBLDikM&t=2s>.

comparação ao ator e ao palco de teatro, desfazendo a visão de que a atuação é prática restrita apenas ao ator, pois o professor e o ator atuam em espaços (também) cênicos que podem representar o mundo, e utilizam-se da percepção do ambiente e as peculiaridades que o meio exige, como também manuseiam o corpo como instrumento de comunicação, utilizando-se da máscara facial e projeção de voz com o público alvo que, no caso do professor ou futuro professor, são os estudantes.

Neste ano identificamos a necessidade de promover a compreensão das ferramentas das artes cênicas como possíveis elementos auxiliares no processo da contação de história, tendo em vista que os futuros pedagogos e pedagogas fazem uso sistemático da contação de história enquanto estratégia de variados alcances. Na contação de história é importante saber como provocar, cativar e construir o interesse pela história contada. Sendo assim, as artes cênicas poderão oferecer importante ferramental para se alcançar muitos dos objetivos que permeiam esta prática.

Portanto, buscamos registrar neste relato as experiências vivenciadas durante a oficina realizada este ano, entendendo a importância deste registro por se tratar de uma temática ainda pouco discutida no universo acadêmico, fenômeno tão bem explicitado pela carência de publicações. Nesse contexto, buscamos nos apoiar nos seguintes teóricos: Abramovich (2009); Janiaski (2019); Tonezzi e Guimarães (2019); e Vigotski (2014), com o intuito de compreender da melhor forma as vivências e fundamentar teoricamente estas práticas que nasceram da simbiose aqui já citada.

## **METODOLOGIA**

No que diz respeito ao percurso metodológico, o primeiro encontro, para que houvesse o planejamento desta oficina, aconteceu no dia 07 de maio de 2021. Desde então, ficou acordado a realização dos encontros todas as sextas-feiras via Google Meet, das 16h às 18h, realizado até o dia 23 de julho de 2021. A proposta pautava-se no fato de cada participante do PET escolher uma história para realizar sua contação, articulando os elementos narrativos com as ferramentas das artes cênicas, como é o caso da voz, da sonoplastia, cenografia, figurino e o corpo, esse último, como principal ferramenta de ação.

Nesse construto, cada parte da história narrada precisava ser separada enquanto ação cênica, contando com a entrega do contador à narrativa diante dele, o que tornava

possível compreender quem são os personagens, o narrador, o cenário em que a cena é descrita, pois cada elemento na construção da contação tem sua importância. Todo esse movimento contribuiu para que o contador-ator pudesse criar um roteiro e construir os personagens por meio do empréstimo da voz, expressão corporal e máscara facial.

Desse modo, a partir das apresentações, o professor formulou considerações, reflexões e apontamentos no que dizia respeito a como estava sendo realizada a aplicabilidade dos estudos teóricos, tendo em vista o texto de Cruz (2017) e o livro de Abramovich (2009) que foram enviados previamente para que pudessemos realizar as leituras, visando nos inserir no universo da contação de histórias. Posteriormente, através do exercício da contação de história, houve propriamente a observação e análise da aplicação dos estudos na prática.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **As artes cênicas como ferramenta auxiliar no processo de contação de história**

Uma alternativa muito interessante e acessível para dar ainda mais vida as histórias, trata-se de contá-las fazendo uso das ferramentas cênicas no processo de contação de história, quando refletimos sobre as histórias contadas para as crianças, como é o caso do público pensado pelo grupo PET. Isso porque, como nos aponta Vigotski (2014), esse processo da dramatização faz parte da criação artística infantil e as agrada muito, tendo em vista que o drama baseia-se em ações e fatos por elas produzidos e também por haver uma ligação forte entre a teatralidade e a brincadeira.

Assim, o papel do contador de história converte-se em completar o texto narrado, brincando com a história em uma espécie de conexão com o livro, possibilitando compreender os momentos de ausências que requerem estímulos narrativos e os que precisam ser ressaltados no momento da contação. Logo, esse estudo atento do livro permite que a identidade dos personagens criados pelo narrador sejam diferentes de sua própria identidade, como também, a construção de um ambiente imaginário condizente com a história.

Nessa dimensão da brincadeira, as possibilidades são múltiplas, tendo em vista que as crianças são instigadas/convidadas a articularem seus sentidos para que possam

construir vivências mais dinâmicas, como ocorreu na experiência de contação de história relatada por Janiaski (2019):

O foco estava na *escuta*, mas também estava na *visão*, na *percepção tátil*, nos *cheiros* e *gostos*, buscando uma lógica que passasse pelo sentir, mais do que pelo racionalizar o que estava sendo contado. [...]. A proximidade física com as crianças permitiu que elas *tocassem*, *pegassem*, *puxassem* e *enxergassem* os atores/contadores e a materialidade de seus corpos, suscitando uma cumplicidade e uma comunhão entre eles (2019, p. 145, grifo nosso).

Partindo dessas reflexões, compactuamos com os apontamentos de Abramovich (2009) e Janiaski (2019), ao passo que afirmam que o narrador precisa conhecer a fundo a história que narra. Ter propriedade da história narrada possibilita a segurança ao contá-la e o preparo prévio para cada acontecimento, para assim conseguir encantar a criança e provocá-la a soltar a imaginação. Entendemos a contação de histórias enquanto um processo artístico no qual, ao articular o contador de história – que consideramos como sendo ele também um ator – e o espectador, compreendemos que provocamos o mesmo processo apontado por Tonezzi e Guimarães (2019), referente ao movimento que ocorre entre as obras de arte digital e o espectador. “Ou seja, trata-se de levar o apreciador a uma função ativa na concepção de uma obra de arte que, sem a intervenção dele, não se dá” (TONEZZI; GUIMARÃES, 2019, p. 93).

Desse modo, considerando que a contação de histórias feitas por nós estão se configurando de maneira virtual, apoderar-se das ferramentas artísticas das artes cênicas têm nos propiciado uma maior articulação entre quem está contando a história e quem encontra-se como ouvinte (ambos, nesse percurso inicial, compostos pelos membros do grupo PET – Pedagogia UFCG). Isso porque, as possibilidades de interação tornam-se também viáveis e possíveis, mesmo quando nos encontramos fisicamente distantes.

Logo, a apresentação do conceito de professor como ator, se expôs como ponto de partida a ser aprimorado a partir do que já vinha sendo discutido desde a oficina de 2020, e desencadeou em discussões sobre a indissociabilidade de ambos. Isso, tendo em vista que, compreender o conceito do professor-ator (o professor que também é um ator), está ligado a entender as semelhanças dessas duas profissões, que aparentemente não possuem qualquer aproximação e não conversam entre si, mas aí situa-se o ponto chave desse pensamento, a reelaboração desta ideia. Sendo assim, com base nas leituras (VIGOTSKI, 2014; ABRAMOVICH, 2009; TONEZZI & GUIMARÃES, 2019; JANIASKI, 2019; entre outros) e discussões em grupo, articulamos algumas

aproximações entre ambos, atrelados à relação dinâmica estabelecida por meio da relação com o público, no caso do professor com seus alunos, e o ator com a plateia.

Apesar das dinâmicas serem diferentes, existe esse jogo simbólico de trocas que se assemelham. Na docência, a interação com o conteúdo ministrado tem como objetivo levar às descobertas, dando sentido e permitindo a mobilização de referências, experiências e conhecimentos prévios, que vão se incorporar a discussão e resultar numa aprendizagem. Por isso, os professores usam diversos artifícios para provocar o magnetismo e alcançar essa relação mais estreita com seus alunos. Em concomitância, no teatro, esse magnetismo também ocorre. O público sabe que são atores interpretando papéis, mas mergulham nesse jogo, assumindo o seu papel como espectador e, em determinados momentos, sentem emoção, raiva ou choque em relação ao que está sendo apresentado.

Mediante o exposto, entendemos que o professor e o ator possuem características diferentes, mas comungam das mesmas ferramentas para a execução do seu trabalho, como é o caso do uso da expressão vocal, dividida em articulação, projeção e inflexão; da expressão corporal; além de uma capacidade interpretativa de textos. Tudo isso não pode deixar de ser discutido e apreendido pelos profissionais da educação – como é o nosso caso enquanto estudantes do curso de pedagogia – e incorporados a sua prática docente, tendo em vista que, como pontua Janiaski (2019) ao tecer as conclusões de sua experiência:

Acredito que para se trabalhar o teatro na educação infantil é preciso aliar pedagogia e teatro. O profissional que vai desenvolver o trabalho precisa aliar a pedagogia teatral com conhecimentos sobre desenvolvimento cognitivo e intelectual das crianças. E saber que qualquer processo dramático e/ou teatral com os pequenos deve ser contextualizado e significativo para as crianças, e elas precisam ser o centro, os protagonistas de cada processo (2019, p. 150).

Nesse sentido, acreditamos ser esse o poder das artes cênicas atrelada a contação de história, aproximando, cativando, convocando a participação. Uma ação que deve sempre zelar por essa relação preciosa existente entre o ator e o público, e paralelamente entre o professor e os alunos. Ele exige uma cumplicidade que é um dos pontos principais dessa relação dialógica que move o processo de ensino – aprendizagem que convoca essa parceria e compartilhamento de saberes. Nosso desafio principal constitui-se em, a partir de nossas experiências no ciberespaço, cultivar essa essência do encanto no ato de contar história também no ambiente virtual.

Para além do já mencionado, percebemos a possibilidade de construir o cenário através de recursos sonoplásticos, seja ele projetado por meio de aparatos tecnológicos, instrumentos musicais, objetos que emitam sons ou produzidos por nossa voz. Nessa perspectiva, ao passo que o contador-ator atrela a dimensão sonoplástica com a expressões faciais de acordo, o espectador poderá contemplar a cena de maneira mais viva quando projetada por intermédio do contador-ator, que traça um percurso da contação no qual sonoplastia e expressão facial caminham juntas. Tudo isso passa pela dimensão da utilização do corpo de maneira ampla, enquanto ferramenta primordial, ao passo que, como esclarece Stanislavski (2001), ao refletir sobre a construção do personagem:

Porque, se não usarmos nosso corpo, nossa voz, um modo de falar, de andar, de nos movermos, se não acharmos uma forma de caracterização que corresponda à imagem, nós, provavelmente, não poderemos transmitir a outros o seu espírito interior, vivo (2001, p. 27).

Isso porque, o contador de história quando se coloca nessa posição de ator, brinca com a história narrada e convida o espectador para brincar junto, ao se entregar por completo ao ato de narrar e emprestar seu corpo para contar uma história.

Nesse panorama, por meio da contação de história, as crianças constroem uma compreensão do mundo, podendo sentir emoções diversas, exercitando o imaginário, vivendo profundamente tudo que a narrativa provoca (ABRAMOVICH, 2009). Sendo assim, uma contação de história lúdica, divertida e envolvente, convida os espectadores para o universo interpretativo da ficção que, por diversas vezes, reflete a realidade, brinca com a nossa racionalidade e emoções. Além disso, quem conta aprende e se diverte muito também!

## **CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS**

Pensar sobre processos educativos articulados a outras áreas do conhecimento, principalmente sendo essas áreas ligadas a arte, torna-se uma atividade dinâmica e essencialmente humanizadora. Tendo em vista as atividades e estudos que vêm sendo realizados desde o ano passado, 2020, muito já foi aprendido e incorporado em nossas práticas voltadas à sala de aula. Sendo assim, entende-se ser o contador de história o sujeito que atua e dá vida aos personagens, utilizando-se do corpo enquanto instrumento

de possibilidades múltiplas de ação, pois a voz, a máscara facial e a expressão corporal são imprescindíveis nesse processo narrativo.

Esperamos continuar compartilhando conhecimentos, explorando mais textos para a formulação dos preceitos teóricos e exercitando na prática o que vamos aos poucos internalizando, ao passo em que há o interesse de prolongar esta oficina até o final de 2021. Ademais, projetamos poder socializar com as crianças dos anos iniciais do ensino fundamental, uma série de contação de histórias, por meio do ciberespaço (um festival de contação de histórias). Para isso, cada um dos alunos que compõem o PET contarão uma história, que será compartilhada via plataforma do YouTube. A ideia é que sejam disponibilizadas todas as histórias contadas, de modo que possam ser socializadas nas escolas da rede municipal e estadual de ensino. O objetivo último da oficina é poder gerar esse conteúdo digital de contação de história, como culminância da atividade, para que o público alvo seja efetivamente contemplado.

Tendo em vista os dados apresentados, compreendemos que nem toda peça de teatro é uma contação de história, mas toda contação de história é, também, um processo teatral. Portanto, para que a contação de história passe a alcançar o que o contador deseja – seja captar a atenção do público; convocar à participação ativa; entrelaçar a história às ferramentas cênicas; dar vida aos personagens; etc. – é necessário que ele desenvolva algumas habilidades que antes pareciam reservadas apenas aos atores. Entretanto, a partir de nossas vivências, percebemos que nós, futuros professores, também somos atores que representam os mais variados papéis na sala de aula a partir de nosso corpo, ferramenta fundamental no trabalho desse professor-ator.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2009.

CRUZ, I. **A contação de histórias como prática educativa**. 2017. Disponível em: <http://www.petpedagogia.ufba.br/contacao-de-historias-como-pratica-educativa>. Acesso em: 14 de jun. 2021.

JANIASKI, F. O teatro na educação infantil mediado pela contação de história. **Revista Travessias**, Cascavel, v. 13, n. 1, p. 135 – 154, jan./abr. 2019. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/21951/14141>. Acesso em: 07 de jul. 2021.





STANISLAVSKI, C. **A construção do personagem**. Tradução: Pontes de Paula Lima. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

TONEZZI, J.; GUIMARÃES, A. Dos parangolés à era digital: o leitor nas artes interativas. **Linha Mestra**, n.39, p.93-99, [HTTPS://DOI.ORG/10.34112/1980-9026A2019N39P93-99](https://doi.org/10.34112/1980-9026A2019N39P93-99), set./dez., 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE. **Resolução N° 06/2020**. Regulamenta o Regime Acadêmico Extraordinário (RAE), que trata da oferta de atividades de ensino e aprendizagem remotas durante a execução do período suplementar 2020.3, para a Universidade Federal de Campina Grande, no cenário de excepcionalidade sanitária provocada pela COVID-19. Disponível em: <http://sods.ufcg.edu.br/index.php/camara-ensino/resolucoes>. Acesso em: 07 de jul. 2021.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criatividade na infância**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.